

FLOOD

ARGUMENTO CINEMATOGRAFICO

DE

GERALDO SANTOS PEREIRA

BELO HORIZONTE

1998

F L O O D

Argumento cinematográfico
de Geraldo Santos Pereira

S i n o p s e

1. Em dia indeterminado do ano de 1966 decola da base militar francesa de Landes, perto de Bordeaux, um avião supersônico "Mirage IV-E", em viagem à Polinésia francesa, no Pacífico.

A rota inclui pousos táticos, para reabastecimento, em Dacar e, após a travessia do Atlântico, na Guiana Francesa.

Depois de reabastecido, em Caiena, o supersônico alça vôo e cruza a região norte do Brasil, transpondo de elevada altitude a impressionante floresta amazônica, sulcada pelos rios da gigantesca bacia fluvial.

Em seguida, no vôo cercado de sigilo e excepcionais medidas de segurança, o Mirage IV-E, rompendo a distância como um bólido, sobrevoa a Cordilheira dos Andes, em território peruano, e ultrapassa os imponentes picos nevados da cordilheira.

Depois o aparelho se arroja sobre o Oceano Pacífico, afasta-se do continente sulamericano; ultrapassa o Arquipélago Tuamotu e, entre os paralelos 10 e 20° 30' de latitude Sul, pousa na base do *Centre d'Experimentations Nucléaires du Pacifique*, em Papeete, encerrando a longa e misteriosa viagem.

Na base, entre cuidados especiais de vigilância, técnicos e militares retiram do Mirage um grande artefato nuclear, produzido na França e destinado a novo teste no Atol de Mururoa.

2. Simultaneamente com a chegada a Papeete do avião francês, ultimam-se nos Estados Unidos os preparativos para a decolagem, no Aeroporto Internacional John Kennedy, em Nova York, e no Aeroporto Internacional de Los Angeles, de dois jatos Boeing, o primeiro fretado pela empresa "World Safari Tours", de Nova York, transportando um grupo de milionários americanos para temporada de caça e pesca no acampamento da empresa, na Ilha da Trindade, às margens do rio Amazonas, e o segundo, um jato da "Braniff", em vôo regular à América do Sul, na rota que inclui Caracas, Bogotá, Lima e Rio de Janeiro, transportando, entre seus passageiros, turistas, homens de negócios e funcionários americanos e latino-americanos, um grupo de missionários protestantes e cinco geólogos dos Estados Unidos, contratados para pesquisas de petróleo na planície amazônica.

Aos três grupos humanos de diversificada origem social, econômica e profissional - pilotos, técnicos, cientistas e militares franceses da base de Mururoa; turistas milionários dos Estados Unidos, reunidos no voo fretado para férias de caça e pesca no Brasil e, finalmente, missionários e geólogos contratados para pesquisas petrolíferas na região amazônica - pertencem os personagens centrais dos grandes e dramáticos acontecimentos do filme que, em seguida, passamos a relatar.

3. Em alternância com os preparativos para nova detonação nuclear no Atol de Mururoa, as câmeras de "Flood" registram a agitada movimentação que antecede a decolagem dos dois Boeings, o primeiro em Nova York, e o segundo em Los Angeles, fixando o comportamento e as características sociais e psicológicas de alguns de seus passageiros.

Assim, por exemplo, no salão de embarque da VARIG, no Aeroporto "John Kennedy", em Nova York, câmera registra a tumultuada agitação dos nervosos e solícitos funcionários da "World Safari Tours", preparando o embarque de riquíssimos banqueiros, industriais e investidores dos Estados Unidos, aficionados da caça e pesca, captando traços sumários de alguns deles, como Arthur Pellman, banqueiro de meia-idade, que conversa discretamente, com certa intimidade, em um canto, com sua bela secretária Sheila, ou o jovem casal, Julie e Frederic Farrow, chegando, afobadamente, com pequeno atraso, ao embarque, seguidos por parentes e amigos.

Em novo deslocamento geográfico, câmera passa, em seguida, a focalizar, no Aeroporto Internacional de Los Angeles, outro diferente grupo de passageiros, dando destaque aos membros da missão religiosa e aos cinco geólogos contratados pela Petrobrás para pesquisa petrolífera no norte do Brasil.

Entre os religiosos câmera destaca particularmente uma bela mulher, ainda jovem, Dorothy Spencer e, perto dela, o geólogo Michael Durst, homem alto e forte, que, de um certo ponto, a encara com interesse, como se a reconhecesse de alguma parte. Percebendo o olhar insistente do americano, Dorothy, a certa altura, afasta-se e vai juntar-se a alguns colegas. Meio afastada, numa poltrona do salão, outra religiosa, Sister Maude Davidson, solitária e calada, é uma figura tristonha, enquanto, mais adiante, em outro grupo, o Pastor Bernard Steward, chefe da missão, destaca-se como presença sorridente e afável, reverenciada pelos companheiros de missão.

Quando, pelo alto-falante do aeroporto, os passageiros são convocados para embarque, intensifica-se a movimentação na sala de espera do aeroporto, captada dinamicamente pela câmera. Despedindo-se de parentes e amigos, americanos e sulamericanos encaminham-se, em fila, para o portão de embarque

4. Enquanto isto, em Nova York, o Boeing da VARIG já se posiciona na pista para a decolagem.

No interior do aparelho, captam-se flagrantes dos passageiros, homens de grande fortuna, alguns de certa idade, como o agitado fabricante de cosméticos de Virginia, Mister Henderson, ou o calmo e jovem ex-aluno da Universidade de Cambridge, Edward Lacorte, feliz com as férias que o pai, homem também muito rico, lhe proporciona, e ainda o austero presidente de um banco, Arthur Pellman, amorosamente sentado ao lado da secretária e amante, além de Julie e o marido, Frederic Farrow, herdeiro e vice-presidente de poderoso grupo financeiro de Boston, este de fisionomia cansada, não demonstrando grande entusiasmo pelas férias. Por todo lado vêem-se câmeras, máquinas fotográficas e diversificados petrechos de caça e pesca..

Em Los Angeles, nesse ínterim, pequeno incidente, provocado por confusão de lugar, permite que travem conhecimento Dorothy, a jovem religiosa da missão, e Michael, o geólogo da Petrobrás, quando a sorte lhes favorece a ocupação de lugares próximos e explica o olhar insistente que ele dirigia, pouco antes, à missionária. Conversando amistosamente, os dois descobrem que haviam nascido na mesma cidade, no Missouri, e foram amigos de infância.

Deixando Michael e Dorothy entretidos nas reminiscências, câmera continua a movimentar-se pelo interior do avião, captando trechos de conversas, comentários sobre o destino da viagem, até aproximar-se de Sister Maude que, discretamente, retira da bolsa uma carta, amarfanhada pelo uso, que ela recomeça a ler com expressão sofrida, guardando um segredo que só depois se revelaria.

5. Enquanto isto, no Atol de Mururoa, prosseguem os preparativos para a explosão nuclear do "Centre d'Experimentations Nucléaires du Pacifique", enfatizando-se o transporte do grande petardo atômico para o interior de outro avião, um "Jaguar", dotado de complicada aparelhagem técnica e científica.

No comando da base militar o plano de vôo é meticulosamente estudado, enquanto no Atol militares e o "staff" técnico iniciam a evacuação da ilha desértica, na qual instrumentos e dispositivos de controle remoto irão registrar a formidável explosão.

Contrastando com a atmosfera de tensão e expectativa, observada na base de Papeete, câmera volta a focalizar, em corte direto, o interior do Boeing fretado, agora cruzando as Antilhas, revelando sempre a descontração e o comportamento, discreto ou acintoso, dos milionários americanos a caminho da Amazônia.

Na cabine do aparelho, o comandante brasileiro Arruda comenta para o co-piloto que aquele avião transporta boa parte do Tesouro dos Estados

Unidos. Depois acrescenta, sorridente, que cada um daqueles turistas endinheirados vai gastar, nas férias, em caçadas e pescarias, uísque e munição, mais do que os dois ganham o ano inteiro na empresa aérea.

As "tomadas" na cabine do avião fretado, concluem-se com o primeiro-plano do painel de comando do Boeing, mostrando posição e altitude.

6. Em corte direto do painel da cabine, câmera agora se transfere para uma das salas do Observatório da NASA, em Houston, focalizando as complicadas aparelhagens da grande instituição americana. Depois de recuar, em "travelling", câmera mostra a atenta atividade de técnicos, cientistas e funcionários da NASA, medindo as variações de ventos, temperatura e umidade do ar e aferindo, em sofisticados instrumentos, a evolução dos fenômenos climáticos e metereológicos dos continentes, transmitidos via-satélite.

Um dos técnicos do Observatório observa na tela do computador e transmite a um colega, sentado ao lado, a formação de fortes correntes ciclônicas nas proximidades do Arquipélago Tuamotu, no Oceano Pacífico, deslocando-se para o litoral da América do Sul. A ocorrência metereológica é depois transferida para o grande painel eletrônico do Observatório, enquanto sinais emitidos por satélites artificiais vão fornecendo novos dados aos cientistas da NASA.

7. Na Polinésia francesa, nesse meio tempo, completada a primeira etapa do teste nuclear, o avião "Jaguar", transportando o artefato, manobra para levantar vôo na pista do aeroporto da base de Papeete.

Em simultaneidade de imagem e som do avião que decola na Polinésia francesa para o teste atômico na atmosfera, câmera mostra o avião da VARIG que aterrissa no Aeroporto de Manaus, concluindo a primeira etapa do vôo charter da "World Safari Tours", cujos representantes recebem afavelmente os milionários americano, conduzindo-os ao porto da capital do Amazonas, onde embarcam em duas lanchas com destino à Ilha da Trindade, próxima à localidade de Itacoatiara, rio-abaixo, onde ficarão hospedados durante a temporada de caça e pesca.

8. As ações paralelas das primeiras seqüências do filme prosseguem com a chegada, em Bogotá, capital da Venezuela, do avião da "Braniff" que conduz, entre outros passageiros, a missão religiosa e os geólogos americanos destinados à Amazônia.

Após as formalidades normais de Alfândega, missionários e geólogos fazem o traslado para um bi-motor da "Avianca", com destino a Leticia, já em plena selva amazônica. Desta vez Michael e Dorothy sentam-se em poltronas separadas, enquanto, pouco adiante, o chefe da missão, o pastor

Bernard, conversa com o assistente, também pastor, de origem latino-americana, Gabriel Martínez, homem idoso, a cabeleira branca e um ar humilde e bondoso, muito habituado às viagens entre os Estados Unidos e países latino-americanos.

9. Em seqüência à imagem do bi-motor da “Avianca”, voando sobre a selva amazônica, câmera focaliza, em baixo, o rústico embarcadouro da Ilha da Trindade, próximo à foz do Madeira com o rio Amazonas, no instante em que dele se aproximam duas lanchas da “World Safari Tours”.

Na outra margem do rio avista-se a silhueta da mata virgem na grande ilha Tupinambarana. Próximo ao cais, ônibus e outros veículos aguardam os turistas americanos para conduzi-los ao acampamento erguido em uma clareira da floresta.

Caboclos amazonenses, com sua forte etnia indígena, prestam serviços, ajudam a carregar a bagagem, oferecem “souvenirs” e pequenos objetos do artesanato local.

Os americanos, carregando paletós, abanando-se diante do calor tórrido, assestam câmeras para todos os lados, documentando a paisagem majestosa. Depois vão se instalar nos veículos, impacientes por chegar ao ponto final da viagem.

10. Enquanto isto, rio-acima, um navio-gaiola de transporte de carga e passageiros, aproxima-se de Fonte Boa, localidade ribeirinha, próxima à junção do Juruá com o Solimões. E ali desembarcam os integrantes da missão religiosa dirigida pelo pastor Bernard. Dorothy vai despedir-se do geólogo Michael, que segue viagem, no “gaiola”, rio-abaixo, até o acampamento da Petrobrás. Antes que se separem, Michael promete vir, brevemente, visitar a missão, aproveitando, inclusive, para realizar pesquisas geológicas.

Logo a seguir, lentamente, a embarcação se afasta e ganha de novo o leito do rio, enquanto Dorothy, Maude, o pastor Bernard e os outros religiosos se encaminham para a sede da missão, acompanhados pela multidão de nativos que os vieram receber agitadamente.

11. Nesse mesmo instante, sob o sol escaldante da planície, os veículos da “World Safari” alcançam o acampamento da Ilha da Trindade.

Na clareira, aberta na mata, estão dispostas em círculo, imitando a simetria das malocas indígenas, diversas cabanas de madeira. No centro, em construção de alvenaria, moderna e espaçosa, destaca-se o Clube Internacional de Caça e Pesca, com salões, bar, restaurante, sala-de-leitura, centrais de telefonia e rádio-emissor. Os americanos, espalhando-se pelo local, filmam e fotografam tudo, divertidos na terra exótica, enquanto

funcionários da empresa de turismo os alojam nas cabanas, dotadas de ar refrigerado, quarto e sala-de-banho.

12. Em corte direto, câmera, instalada em helicóptero que se ergue do solo, sobrevoa a floresta e quase toca a copa das árvores, focaliza a cidade de Tefé, perto da qual fora construído o posto avançado da Petrobrás.

Logo a seguir, no rápido “travelling” aéreo, o helicóptero baixa pouco a pouco e pousa numa clareira, focalizando a câmera “Jeeps” e veículos utilitários que chegam para conduzir os geólogos dos Estados Unidos aos alojamentos do posto avançado da Petrobrás.

Michael, pela segunda vez trabalhando no Brasil, depois de prolongadas férias nos Estados Unidos, saúda ruidosamente, descendo do veículo, os companheiros de equipe técnica, brasileiros em sua maioria, a quem se dirige com seu português meio arrevesado.

13. A alegre expressão do geólogo norte-americano e de seus amigos e colegas brasileiros, no reencontro na selva, agora é substituída pela tensa expressão que marca, na sala de comando da base de Papeete, o rosto dos técnicos nucleares franceses.

Depois, transferindo-se para o interior do avião “Jaguar” que transporta o artefato atômico, a objetiva focaliza pilotos e técnicos, em permanente contato com a base.

Muito em baixo, refulgindo ao sol, as ilhotas da Polinésia francesa surgem como pontos brilhantes na superfície do Oceano Pacífico.

Depois de fixar, em primeiro-plano, o painel de comando do jato francês, câmera, em corte direto, passa a detalhar os instrumentos eletrônicos na sala de comando da base de Papeete, recuando, em “travelling”, para mostrar o painel que registra a contagem regressiva da explosão.

14. Milhares de quilômetros adiante, na planície amazônica, alheios ao teste nuclear de Mururoa, os personagens centrais de nossa história entregam-se tranqüilamente às suas atividades, como os turistas americanos que, na Ilha da Trindade, se preparam para as caçadas e pescarias no Amazonas.

Simultaneamente, em Fonte Boa, os missionários do Pastor Bernard atendem doentes, alfabetizam crianças e adultos das tribos aculturadas da região.

Quilômetros adiante, rio-abaixo, os geólogos e técnicos do posto da Petrobrás em Alvarães ocupam-se com o trabalho de pesquisa geológica para a localização de jazidas petrolíferas nos terrenos sedimentares da região de Tefé.

Em dramática alternância com a diversificada atividade de missionários, turistas, técnicos e geólogos petrolíferos, câmera volta à base francesa de Papeete e focaliza o painel da contagem regressiva da explosão nuclear atmosférica do petardo nuclear a bordo do avião *Jaguar*.

E vão surgindo no painel os segundos dramáticos que antecedem a liberação e explosão do petardo atômico:

12, 11, 10, 09, 08, 07, 06, 05...

Em todas as fisionomias, tanto na base terrestre, como no interior do avião militar, a contagem regressiva provoca reações tensas e crispantes:

04, 03, 02, 01...

Em Papeete, o chefe da equipe aperta o botão.

Imediatamente, no céu de Mururoa, o dispositivo de controle remoto abre a escotilha do *Jaguar* e libera o enorme petardo atômico.

Painéis, telas e vídeos de circuito fechado, além de computadores e sofisticados instrumentos de precisão, preparam o registro da formidável explosão.

E a explosão, efetivamente, ocorre, não na área prevista, mas em altitude inferior à determinada, produzindo uma nuvem colossal, em forma de cogumelo, que se eleva e incha pelos lados.

O gravíssimo erro técnico, constatado imediatamente, provoca enorme preocupação aos técnicos, pois a explosão se dera em altitude dominada por baixas camadas da atmosfera, em contínuo movimento, deslocando-se de uma região para outra, elevando-se e descendo, dando origem a fortes ventos e correntes aéreas.

A anormalidade se produzira em consequência de defeito mecânico no altímetro e pela ação de fenômenos meteorológicos inesperados, percebidos tanto na Polinésia, como em Houston e em outros observatórios espalhados pelo mundo.

Em Houston a ocorrência se interliga ao progressivo deslocamento das correntes ciclônicas da zona do Pacífico, trazendo aos cientistas intensa expectativa, principalmente quando se constata que a explosão havia gerado gigantesca massa de ar aquecido, impulsionada pelas correntes aéreas, seguindo em velocidade alarmante na direção do continente sul-americano.

Meteorologistas reúnem-se em conferência de emergência, examinando mapas e registros computadorizados, analisando fotos e sinais eletrônicos transmitidos por satélites artificiais. Depois chegam a conclusões precisas sobre as condições da atmosfera, esperando, com inquietação crescente, o desfecho das ocorrências no Pacífico.

Tanto nos Estados Unidos, como na França, Inglaterra, Rússia, Japão, Brasil e outros países da América do Sul, o deslocamento da massa de ar superaquecida provoca grande preocupação no mundo científico.

15. Nenhuma preocupação aflige, no entanto, os turistas trazidos à Amazônia pela "World Safari", desfrutando, tranqüilamente, as férias esportivas na Ilha da Trindade.

O grupo fora dividido em dois setores: no primeiro reúnem-se os aficionados da pesca, conduzidos por guias aos pontos de maior piscosidade; no segundo, fazem parte os que se interessam particularmente pela caça, portando modernas armas trazidas dos Estados Unidos.

Arthur Pellman e Edward Lacorte seguem no primeiro grupo, enquanto Henderson e Frederic Farrow partem para a caça à rica fauna da região amazônica.

Servindo-se de barcos a vapor, lanchas ou simples *montarias*, como são chamadas, na região, as rústicas canoas indígenas, entrando pelos igarapés e os igapós infiltrados na selva, os pescadores americanos saem cedo para a prática de seu esporte preferido.

Excitado pela aventura, Lacorte, homem de cultura e grande fortuna, explica, na lancha, aos companheiros ser aquela região riquíssima em variedades ictiológicas. Como conhecedor da pesca fluvial e freqüentador de grandes reservas mundiais, o ex-aluno do Cambridge fala sobre os estudos científicos de Agassiz que, em obras famosas, informara a existência, na bacia amazônica, de 1.800 espécies diferentes de peixes, mais do que todas as espécies conhecidas da bacia Atlântica, e o dobro da bacia mediterrânea.

Depois esclarece que a Universidade de Cambridge mantém notáveis coleções ictiológicas e, inclusive, como uma preciosidade, a carta original de Louis Agassiz dirigida ao professor Milne Edwards, na qual o grande naturalista francês afirmara não se surpreender se ficasse comprovada, algum dia, a existência, na região amazônica, de três a quatro mil espécies ictiológicas diversas.

Quando o grupo de pescadores alcança os pontos preferidos da pesca, aprestam-se os caniços, redes, puçás, tarrafas e arpões, enquanto os caboclos vão armando barracas e instalando petrechos diversos.

Noutro ponto da selva, quilômetros adiante, o grupo de caçadores, guiados por Petronilho, um caboclo de fortes feições indígenas, caminha em fila, portando toda espécie de armas, munições, medicamentos e sacolas.

Seguem em silêncio, ouvindo o canto dos pássaros e das cigarras, a plangência dos pios sem modulações, os uivos medrosos dos animais, o farfalhar dos galhos, estalidos bizarros, crepitações, suspiros fracos, vagos lamentos, gemidos abafados, toda a sonoridade estranha da selva que os encanta e emudece.

Chegando, afinal, ao ponto indicado para a caça, os turistas espalham-se pelas picadas da mata, perseguindo e matando antas, coatis, macacos, queixadas, pacas e caitetús, veados e pumas, sussuaranas, onças e capivaras, coelhos e mutuns, garças, guarás, tatus e jaguatiricas.

A caçada dura dias e noites inteiras, só interrompida por horas de repouso e refeições nas grandes barracas que os empregados do clube armam em determinadas clareiras. Depois a caçada e os tiros recomeçam, reboando na selva, espavorindo aves e bichos.

16. Enquanto isto, centenas de quilômetros acima, Dorothy, Sister Maude, Bernard e outros religiosos da missão americana haviam se instalado nas rústicas moradias de Fonte Boa, observando, como lembrança de tempos heróicos os restos da missão fundada, no século XVII, pelo jesuíta alemão Samuel Fritz, que ele denominara de “Missão Nossa Senhora de Guadalupe”.

Atentas às explicações históricas que lhes fazia o Pastor Bernard, Dorothy e Maude faziam anotações e, pouco depois, já recolhidas a um mesmo alojamento, entregam-se a confidências, aproximadas pela estima e solidária afinidade.

Quando Dorothy começa a relatar à colega e amiga a coincidência do reencontro com Michael, companheiro de infância, a ação do filme se desloca para o acampamento de Alvarães, focalizando o geólogo Michael, ao lado de outros funcionários da Petrobrás, em pleno trabalho de pesquisa nas rochas sedimentares, rompendo a mata, picados por mosquitos, arranhados por galhos e espinhos, encharcados de suor na temperatura escaldante.

Michael Anderson, habituado ao clima inóspito, instrui os colegas recém-chegados, dando conselhos práticos de defesa contra as intempéries. Ao lado dele, como o brasileiro mais amigo, Ricardo Moraes vai abrindo, com o facão afiado, o espesso entrelaçado da mata.

- No próximo domingo dou um pulo a Fonte Boa - informa Michael ao amigo brasileiro. - Quer ir comigo, Ricardo?

Ricardo responde afirmativamente. Depois, seguindo a trilha, os dois se afastam na mata com seus instrumentos de trabalho.

17. Saltando da selva amazônica para o interior do Observatório de Houston, câmera focaliza o salão repleto de técnicos, computadores, mapas, fotos e painéis, além de uma tela cinematográfica onde são projetados filmes e “slides”.

Ao lado da tela um geógrafo norte-americano, integrante da equipe da NASA, esclarece as imagens captadas na Cordilheira dos Andes.

Câmera avança lentamente sobre a tela e passa, em seguida, a fixar flagrantes do grande maciço andino, surgindo imponentes imagens dos Andes Centrais, também chamados de *perívio-bolivianos*, com suas feições mais complexas e, numa seção, entre o Nó da Loja e o Nó de Pasco, o sistema tripartido, sulcado pelos rios Marañon e Hualaga. Próximo, com sua

majestosa beleza, a Cordilheira Branca, mais ocidental, dominada pelo pico de Huascarán, a 6.700 metros de altitude.

Outras imagens de documentação revelam, em filmagem direta, o Planalto Boliviano, enorme meseta a 4.000 metros de altitude, disposta em circo, ondulada, na qual se localizam as bacias lacustres do Titicaca e do Poopó.

A documentação se interrompe quando a objetiva da câmera, voltando a Houston, mostra o geógrafo americano ao explicar aos colegas a exata situação dos Andes, frente aos fenômenos atmosféricos deflagrados pela explosão de Mururoa.

Ilustrando a fala do cientista, surgem na tela novas e impressionantes imagens dos altos picos gelados da Cordilheira, em cuja direção se encaminham celeremente as correntes superaquecidas do ciclone.

Alternando a documentação fotográfica dos picos andinos, com gráficos, desenhos animados e sinais eletrônicos produzidos no Observatório de Houston, outro cientista, especializado em Meteorologia, esclarece que o ar do ciclone, fortemente aquecido pela explosão nuclear, tornara-se mais leve e se elevara na atmosfera, impulsionado pelos ventos na direção dos picos andinos.

A enorme massa de baixa pressão, superaquecida, aproximando-se do litoral sul-americano, na altura da Bolívia, Peru e Equador, berço da maior parte do sistema hidrográfico amazônico, aumenta a perspectiva dramática de fenômenos atmosféricos imprevisíveis.

O deslocamento da massa quente, acompanhada pelos satélites que cruzam a região, será visualizado através do metuculoso trabalho de trucagens e efeitos especiais, a cargo de empresas e equipes cinematográficas especializadas, contratadas nos Estados Unidos, produzindo imagens da enorme massa aquecida chegando à Cordilheira e provocando, inevitavelmente, o degelo de seus altos cumes nevados e, com isto, a descida, montanha abaixo, de volumoso caudal que vai alcançar os mananciais da bacia amazônica, nos quais despeja enorme quantidade de água.

Simultaneamente com o degelo andino, a massa de ar quente provoca, por sua baixa pressão, o deslocamento, por sucção, de grande massa fria, proveniente da Antártida.

A massa quente, oriunda do Pacífico, aumenta ainda mais a temperatura da zona equatorial sul-americana, e produz volume anormal de vapor de água.

O encontro das correntes de ar, uma proveniente do Pacífico, superaquecida e de baixa pressão, e outra, da Antártida, gelada e de alta pressão, se realiza exatamente em plena região amazônica, provocando bruscos e violentos movimentos ascendentes e descendentes de ar atmosférico, de que resulta uma condensação de vapor de água em volume

excepcional. Essa massa, condensando-se no espaço, forma rapidamente grossas nuvens que, sob a ação de fortíssimos ventos e baixas temperaturas, produzem tremendas trombas-d'água, caindo ininterruptamente.

O fenômeno se agrava pela topografia da própria Cordilheira dos Andes, que reforça a turbulência dos ventos.

Os fenômenos atmosféricos, didaticamente expostos pelos cientistas do Observatório de Houston, vão sendo simultaneamente ilustrados por gráficos, desenhos animados, imagens computadorizadas e provenientes da técnica cinematográfica de efeitos especiais.

Conjuntamente com a seqüência de conteúdo técnico-científico, surgem também na tela flagrantes, ao vivo, das vertentes amazônicas recebendo, como resultado do degelo andino e das violentas trombas-d'água, volumes impressionantes de água que, rapidamente, ocasionam alarmantes elevações do nível dos rios amazônicos.

Alcançando a planície, o caudal provoca, inevitavelmente, o rápido engrossamento dos rios de origem andina: o Marañon, o Napo, o Caquetá, o Ucayali, o Javari, o Içá, ou Japurá, o Purús, o Solimões, etc.

A dramática anormalidade vai sendo, pouco a pouco, assustadamente percebida pelos habitantes da região, em diferentes situações: moradores de povoações andinas, próximas às vertentes amazônicas, cujas casas e propriedades agrícolas são rapidamente inundadas; por pilotos de embarcações singrando os cursos de água, inquietando-se cada vez mais com o veloz engrossamento do volume líquido; por fazendeiros e seringueiros, vendo inundadas suas terras; por militares, aquartelados em postos fronteiriços; por missionários, geólogos, pesquisadores da Petrobrás, funcionários da SUDAM, RADAM e, afinal, por toda espécie de habitantes da bacia amazônica, atingida pela tormenta.

Agravando a situação e, por trágica coincidência, os fenômenos atmosféricos, provocados pela explosão nuclear, ocorrem no término do verão abrasador, quando as nuvens tradicionais, portadoras de chuvas, marcham de Leste para Oeste, provenientes do Oceano Atlântico, na direção dos Andes.

O entrechoque dessas nuvens com a massa polar ocasiona uma descompressão adiabática, de que resulta a intensificação das fortíssimas chuvas, agora em nível de catástrofe.

Em terra, balizando sua trajetória trágica, os ventos levantam trombas de areia, "rastejando em trovoadas secas, abrindo-se em redemoinhos, destelhando casas, fazendo sossobrar embarcações, esfarelado os galhos dos cedros e quebrando a ramagem das samauameiras".

A enchente se configura em toda sua trágica dimensão, prenunciando o cataclismo. Os repiquetes, desabando terras, arrancando árvores, se ampliam, cada vez mais, "solapando ravinas, deslocando barrancos,

cavando enseadas, arrastando, na vertigem destruidora de seu avanço, plantações e animais, casas e florestas”.

Durante horas e dias inteiros, o dilúvio tomba, inunda, alaga, arrasa e destrói tudo na planície amazônica. O formidável caudal do Marañon, do Solimões, do Amazonas, engrossados incessantemente pela chuva torrencial e pelo degelo andino, sobe de nível, alcança milhares de afluentes, invade rastos, tesos, furos e igarapés.

18. Chegando a Fonte Boa, na manhã de domingo, antes do temporal, Michael Anderson e Ricardo Moraes são amistosamente recebidos por Dorothy e seus colegas de missão.

Conhecido na pequena cidade, Moraes revê amigos e alguns parentes afastados, enquanto Michael sai com Dorothy em passeio, de lancha, pelas imediações.

Repentinamente, entretanto, o dia escurece, enquanto nuvens enormes, cor de chumbo, cobrem depressa o céu, e ventos fortíssimos sibilam no espaço, arrancando árvores e destelhando casas.

Michael e Dorothy retornam apressadamente à missão, fustigados por chuvas torrenciais que tombam do alto. Pelo rádio do lugarejo, Ricardo Moraes comunica-se com o acampamento de Alvarães, dotado de equipamento mais aperfeiçoado de radiodifusão.

Notícias inquietantes do temporal desaconselham o regresso dos dois geólogos ao acampamento, já que o rio, engrossando com velocidade anormal, torna-se extremamente perigoso à navegação. O jeito é permanecer na missão, onde Michael e Moraes podem colaborar no socorro aos moradores.

19. Na Ilha da Trindade o temporal pega de surpresa os turistas e funcionários da “World Safari”. O grupo de pesca, liderado por Pellman e Lacorte, diante da chuva, o vendaval e o rápido crescimento das águas, suspende o esporte e regressa, assustado, ao acampamento.

O braço do rio, penetrando a floresta, agita-se, recebendo argilas vermelhas, amarelas, cinzentas, enchendo-se rapidamente de resíduos, com seu tom claro e esverdeado transformando-se rapidamente em pardo e barrento.

Contornando o labirinto de reentrâncias do rio, o piloto da lancha faz prodígios de habilidade, evitando raízes e árvores tombadas, escapando das corredeiras e das ondas que ameaçam jogar a embarcação contra troncos e barrancos.

Mais abaixo, em uma enseada cortada a prumo, tomba uma ribanceira, destroçando árvores, enchendo a floresta de um fragor surdo.

Peixes, jacarés, cobras, animais e cetáceos, que haviam deixado, na previsão instintiva da vazante, a zona lacustre para o “thalweg” dos rios,

retornam, céleres, com a vizez das correntes, em busca de regiões mais seguras.

Em outro recanto da ilha, o grupo de caçadores americanos, conduzidos por Petronilho, toma, espantado, o caminho de volta, cruzando com animais, ofídios, pernaltas, patos, marrecões e maguaris que fogem espavoridos do temporal ensurdecedor.

Em volta da ilha o rio Amazonas sobe depressa de nível e, sobre ele, o céu fica escuro e sinistro, iluminado por relâmpagos que se amiudam, seguidos por trovões que abalam a própria terra.

Os dois grupos de norte-americanos, o de caçadores e o de pescadores, alcançam de volta, quase ao mesmo tempo, o acampamento. Temendo a fragilidade das cabanas, que o vendaval faz estremecer nas bases, os turistas vão refugiar-se no Clube, de construção mais sólida. No meio deles, tranqüilo, enérgico, tomando providências e infundindo confiança, Antônio Cintra, gerente do acampamento, desdobra-se em atividade e dedicação.

Trocando a roupa encharcada, aquecendo o corpo com bebidas, uísque, conhaque e a própria cachaça brasileira, os turistas parecem encarar, com naturalidade e animada excitação, o formidável fragor do temporal, que julgam habitual e comum na região. Quando, no entanto, avistam, pelas janelas, as cabanas que a ventania arranca do chão e destroça de encontro às paliçadas e troncos de árvores, começam a temer por um desfecho imprevisível que os espanta a cada minuto. Depressa, então, a animação de antes se transmuda em silêncio, marcando-lhes a fisionomia de susto e perplexidade.

20. Enquanto isto, em Manaus, também se fazem sentir os efeitos da hecatombe. Moradores, autoridades, cientistas, militares e habitantes da capital, habituados aos flagelos cíclico das tormentas, manifestam crescente inquietação diante da intensidade da chuva, do vento e da enchente, rememorando as grandes inundações do passado: 1859, 1909, 1922, 1934 e 1953, todas com desastrosas conseqüências.

Jornais, emissoras de rádio e televisão, telefone e telex divulgam no país e no exterior a ocorrência anormal, pedindo providências preventivas e socorro aos flagelados.

Diante da cidade, no encontro das águas do rio Negro com o Solimões, o temporal estala diabolicamente, formando espetáculo de grandeza apavorante.

A enorme massa líquida, que o degelo e as chuvas torrenciais vão cada vez mais ampliando, extravasa o leito dos rios e provoca ondas volumosas que, sem cessar, avançam, empurram-se, crescem e transbordam, invadindo as terras marginais.

A rápida elevação do nível das águas e do fundo da rede de canais e depressões lacustres, que se espalham pelo vale, é o dramático prenúncio da

catástrofe que se aproxima inexoravelmente. O formidável caudal líquido engole, então, as várzeas, os tesos das campinas, onde pastam os rebanhos. Os moradores das margens ameaçadas, alarmados, têm o pressentimento funesto de que a cheia vai trazer a inundação destruidora das tragédias anteriores, de que nunca se esquecem. Começam, então, com rapidez, a armar as *marombas* para o gado, os largos jiraus de achas grossas e resistentes, onde abrigam a manada para esperar a estiagem.

Em baixo, no fio crespo da corrente, descem, rumo da foz, os troncos de paus cheios de aves; deslizam as ilhas flutuantes de canarana, agasalhando cobras; vagam as canoas arrancadas dos embarcadouros, as bolas de borracha arrebatadas aos terreiros, as sementes vegetais das cordilheiras que formam, numa transplantação de selvas opostas, a flora do estuário.

Durante dias e horas as fortíssimas precipitações avolumam a enchente, forçando as águas a invadir campinas e florestas, subindo pelo caule das árvores e pela parede das casas, submergindo povoações ribeirinhas, trazendo morte e destruição.

É o dilúvio, arrebentando as *marombas*, matando os bezerros, as vitelas, as novilhas e os garrotes.

Circulando pelo vale, batido pela tormenta, câmeras fixam flagrantes ao vivo, colhidos por ocasião dos freqüentes temporais que assolam a região, reforçados pelas imagens originadas de trucagens, efeitos especiais, maquetes e miniaturas que resultam de trabalho técnico realizado em est dio.

Depois a a o do filme retorna aos locais onde sofrem nossos personagens.

Em Fonte Boa a torrente líquida, extravasando o leito do rio, inunda a aldeia, submerge casas e barracos, invade currais, plantações, escola e hospital. A população, apavorada, busca os pontos mais elevados, enquanto Michael, Dorothy, Moraes, Bernard, Maude, Martinez e os outros se desdobram, prestando socorro, transferindo doentes do hospital, ameaçado de ruir, para o interior da igreja, reforçando casas, instalando barracas de emergência.

Sister Maude, vítima de crise nervosa, é levada por Doroty para a sacristia da igreja, situada em ponto elevado, e l  faz a surpreendente revelação do assassinato do marido, anos atrás, depois de certificar-se de que tinha relações com a própria irmã, adicionando pequenas doses de veneno na comida que lhe servia. Impune, livre de qualquer suspeita, o drama de consciência e um remorso pungente que a consome por dentro, levaram-na a se unir   missão na viagem ao Brasil. A pobre mulher, encerrando a dolorosa confissão, confia a Dorothy uma carta, endereçada ao filho e   irmã, residentes na Califórnia, na qual faz o relato do crime e lhes pede perdão.

21. No acampamento da Ilha da Trindade a situação também se apresenta extremamente dramática. Diante do volume colossal de água que invade a ilha e fecha, como um grande anel líquido, a terra firme, o pânico atinge violentamente os turistas dos Estados Unidos.

Frederic Farrow, acovardado frente ao perigo, é a imagem da inutilidade, afastado num canto do salão, bebendo sem parar, enquanto Julie, sua mulher, junta-se ao grupo de Pellman, Lacorte e Antônio Cintra, buscando uma saída para a situação de extremo perigo.

Após conferenciarem na sala-de-leitura, os quatro homens chegam à conclusão de que a única saída é o abandono do acampamento e o refúgio nas partes mais elevadas da ilha.

A sugestão é transmitida aos outros. Frederic e alguns poucos mais, à custa de altas propinas em dinheiro, pretendem escapar pelas embarcações do clube, afastando-se da ilha. Recusam as ponderações dos brasileiros, que os advertem dos riscos que irão enfrentar no rio enfurecido. Mas Frederic, em pânico, insiste no embarque, tentando convencer Julie a segui-lo. Mas ela recusa-se a acompanhá-lo, optando pela sugestão do grupo de Pellman.

22. Simultaneamente, nos Estados Unidos, a catástrofe ganha manchetes e aflige os parentes dos turistas norte-americanos, envolvidos na tragédia. O governo de Washington, com presteza, mobiliza seu grande poder de socorro, despachando para a Amazônia aviões e helicópteros com equipes médicas, alimentos e medicamentos.

Em Houston, em cujo Observatório afluem jornalistas de todo o país, a catástrofe tropical vai sendo acompanhada pelos técnicos e cientistas que recebem informações dos computadores e satélites meteorológicos.

No Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Lima, Bogotá e outras capitais sul-americanas eleva-se o clamor do povo e governantes, exigindo da França o fim das experiências atmosféricas no Pacífico.

23. Em Fonte Boa, nesse meio-tempo, a situação se agravara, registrando a câmara flagrantes dramáticos, imagens patéticas de homens, mulheres, velhos e crianças tragados pelas águas, golpeados na cabeça por troncos de árvores arrancadas do chão, soterrados nas casas que desabam, enquanto outros, desesperados, buscam abrigo em telhados, na torre da igreja, no topo das árvores mais altas.

Michael e Dorothy, incapazes de prestar socorro aos companheiros, lutam pela própria sobrevivência, amparando-se em troncos de árvores e vendo, impotentes, a morte trágica de Sister Maude, do chefe da missão, Pastor Bernard, e de muitos outros, tragados pelos vagalhões da torrente.

24. Paralelamente, na Ilha da Trindade o mesmo terror também se apossara dos turistas norte-americanos. A pequena colina, no centro da

ilha, na qual os milionários foram se abrigar, vai sendo, igualmente, invadida pela enchente.

A única saída é alcançar o topo das árvores mais altas, e isto começa a ser feito, entre incidentes e sacrifícios de toda espécie. Pellman, Lacorte, Cintra, Petronilho, Julie e funcionários do clube prestam, como podem, socorro aos mais velhos, mobilizando escadas, fazendo subir aos galhos das samaumeiras, de sacupiras, cedros, mamoranas e castanheiras, além dos compatriotas e empregados, armas, alimentos e medicamentos.

E é neste ponto que a tragédia alcança o ponto mais patético e espetacular. Chegando ao topo das árvores, os aterrorizados sobreviventes começam a enfrentar outro terrível obstáculo, comum na selva equatorial: animais dendrícolas, aranhas, de grandes membranas abdominais, rãs e bichos arborícolas, sinimbús, de quase dois metros de extensão, com sua agressiva crista espinhosa, papaventos, com a cauda três vezes maior do que o corpo, gatos selvagens, pumas, jaguatiricas, sussuaranas, maracajás, iraras, furões e, principalmente, as grandes e temidas serpentes, também buscam abrigo nas ramagens, fugindo do dilúvio.

Vendo subir os animais, as aranhas, os lagartos, os sinimbús, as cobras de toda espécie e tamanho, os americanos e brasileiros se horrorizam ainda mais. Estala, então, trágica, com a força primitiva da luta pela sobrevivência, o espetáculo dantesco da luta de homens contra animais, alucinados pelo pavor.

Ocultas entre a folhagem, deslizando vagarosamente pelos galhos, cascavéis, sucuriús, cobras-cipós e, enormes, com força espantosa, as temidas gibóias, aproximam-se dos infelizes, prontas para atacar.

Vendo-as subir, até os pássaros, que também vieram proteger-se nos galhos, alçam vôo, estrepitosamente.

Os felinos neotrópicos, o jaguar, a sussuarana, os sinimbús, enfurecidos pelos gritos desesperados dos humanos, feridos pelos golpes de galhos e tiros das armas, avançam contra os turistas que, diante da ameaça, se retesam, readquirindo força nova e obstinada.

Alguns, tentando alcançar as partes mais altas das árvores, desequilibram-se, como Frederic Farrow, que tomba do alto, entre berros, ferindo-se em galhos, até mergulhar, morto, nas águas barrentas.

No galho de uma enorme samaumeira, uma sucuri enlaça um empregado do clube e, em pouco tempo, o estrangula. Depois afrouxa o laço fatídico, deixando cair do alto a pobre vítima.

Um sinimbú, enfurecido pelas pauladas que um americano lhe assesta, alcança-o de um pulo e lhe enfia no corpo a cortante crista espinhosa, matando-o.

A luta, medonha e patética, prossegue em meio ao temporal, aos gritos, relâmpagos e estampidos das armas na impressionante batalha pela vida.

Enquanto isto, os aviões e helicópteros, enviados à Amazônia pelos Estados Unidos, vendo a impossibilidade de pousar em Manaus, rumam para Belém, Paramaribo, Caiena e Georgetown.

25. O filme chega a seu dramático final. Depois de rápida passagem de tempo, câmera, instalada a bordo de um helicóptero, passa a documentar a impressionante e desolada paisagem amazônica.

A imensa planície é agora um gigantesco mar de lama, barro, árvores arrancadas, ilhas flutuantes, cadáveres, destruição e morte.

Só a copa das grandes árvores emerge da superfície das águas.

A chuva amainara e a ventania vai aos poucos se afastando na distância. É quando, chegando de Belém e das Guianas, os aviões e helicópteros brasileiros e norte-americanos perscrutam a região inundada, procurando sobreviventes.

E, efetivamente, avistam alguns deles, como os turistas que se salvaram na Ilha da Trindade.

Pellman, Lacorte, Julie e poucos mais, vencendo a tormenta e a batalha contra os animais e répteis invasores, fazem sinais desesperados do alto das árvores.

Avistados dos aparelhos, são resgatados através das escadas que os tripulantes dos helicópteros lhes enviam e, em seguida, recolhem em petição de miséria, encerrando sua terrível odisséia.

Mais acima, em Fonte Boa, outro aparelho também recolhe sobreviventes. Entre eles, Michael e Dorothy, ainda se amparando no tronco da árvore, exauridos pelo esforço sobrehumano.

O temporal abrandara. A chuva, após despejar sua gigantesca massa líquida no vale, se rarifica pouco a pouco.

As imagens finais do filme mostrarão, do alto, num por-de-sol de beleza sinistra, a visão impressionante, fixada de vários ângulos, da planície infundável, sobre a qual agora o vento sopra fracamente, como num sibilo lamentoso.

Depois até o vento desaparece e um grande silêncio paira naquele mundo afogado, vítima da fúria dos elementos e do erro dos homens.

Geraldo Santos Pereira
(Direitos autorais registrados).

Rua Pompéia, 39 ap. 01 - Prado
CEP 30410-130 - Telefax (031)371-4604
Belo Horizonte - Minas Gerais.